



CADERNO NOVA CARTOGRAFIA

Povos e comunidades tradicionais e suas práticas sociais de preservação dos recursos naturais na Amazônia

**JULHO
2014**

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS



3

Apresentação

Cresci embalada por histórias contadas por meu pai, minha mãe e por muitas tias e avós “postiças” sobre os mitos da Amazônia e sua relação com a natureza. Muitas dessas histórias ouvidas ao “pé” da rede de tia Ana que ia dormir em casa sempre que meu pai estava ausente. Ficávamos eu e minhas irmãs quietinhas ouvindo os “causos” de encantamentos do curupira, da matintaperera, do boto e das muitas visagens que apareciam na vila de Ponta Negra, uma pequena localidade às margens da Baía do Marajó, no município de Muaná. Essas histórias encantadoras ensinavam a todos nós como conviver e respeitar as regras e os limites da natureza. Com esses mitos e encantamentos que povoavam e fertilizavam nossa imaginação infantil aprendemos a respeitar e a valorizar a floresta, os rios, os igarapês, os animais e tudo o que a exuberante natureza daquele recanto amazônico nos oferecia.

Um dos causos contados por tia Ana nos ensinara, por exemplo, que não se deve abusar do que a floresta nos concedia.

Mais do que simples “causos” essas ricas histórias eram verdadeiras lições de preservação e de como lidar com os recursos naturais; de conhecer a abundância e a riqueza que a floresta oferece, mas também, de saber os limites e o tempo exato de extrair os frutos, de apanhar o açaí, de colher a folha e pegar a casca para curar a doença, de tomar banho e brincar na maré, das horas que podíamos ou não ir até o igarapé que passava no quintal de nossa casa e nos tempos de águas grandes por debaixo dela.

*Tem hora pra entrar na floresta
Tem hora para sair
Tem hora que não pode ir
Tem ritual pra entrar e ritual pra sair
Tem licença pra pedir
Tem o tempo da maré alta
Tem o tempo da maré baixa
Tem o tempo do filhote, da arraia, do camarão, dapirarara
Tem a cobra grande, o boto, o curupira, a matintaperera
Tem visagem na passagem
Tem jeito de plantar
Tem jeito pra colher*

Hoje, nas andanças de construção das cartografias sociais, escuto muitas dessas histórias. Dos tempos, dos ritmos, da cor, do fazer, do entender, do conhecer a natureza. Quem melhor para nos ensinar como preservar a Amazônia do que seus filhos? Quem melhor para dizer qual o tempo de cada coisa? Qual o ritmo da renovação da floresta? Qual o tempo de pescar, qual o tempo de caçar? Qual a árvore ou a planta que dá o remédio? Qual a melhor arte de manejar os recursos?

Conhecimentos expressos no fazer cotidiano, nas práticas sociais. As práticas sociais são vistas como construções dos agentes sociais em seu contexto de vida. Não se reduzem a atos puramente racionais, operativos e mecânicos, antes são habitus, no sentido de Bourdieu (1989, 2009), considerado, por este autor, como fundamental para o “funcionamento sistemático do corpo socializado”. O habitus é a subjetividade socializada, na qual os esquemas de percepção e apreciação são resultado da história individual e coletiva. Pode ser entendido como capacidades treinadas e estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados. E ainda, a forma de representação da sociedade por meio dos indivíduos, os quais conduzem suas ações e respostas às pressões e demandas do meio social.

Diz ainda Bourdieu (2009, p. 90) que habitus, como produto da história, produz as práticas individuais e coletivas de acordo com os esquemas engendrados pela história. Dessa maneira garantindo a presença ativa das “experiências passadas que

Solange Gayoso
Doutora em Ciências Socioambiental, professora do Programa de Pós Graduação em Serviço Social e da Faculdade de Serviço Social do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA)

O curupira, um homem baixinho, de cabelos vermelhos e pés virados para trás, protege a fauna e a flora contra a ameaça dos caçadores e de todos aqueles que maltratam a natureza. Para castigar os agressores, o curupira faz com que eles se percam na floresta.

ANTONIO E O CURUPIRA

Um dia seu Antonio foi com o filho dele caçar, ali pra dentro do igarapé do Tauari. Foram de canoa subindo o igarapé, lá pra cima. Entraram na mata e começaram a procurar caça. Mataram um veado, um tatu e uma mucura. Seu Antonio disse

– Filho, vamos embora, já temos o bastante. Mas seu filho disse

– Pai, vamos aproveitar que a noite tá boa pra caçar.

Foi aí que ouviram um assobio muito alto e fino. Sentiram um vento frio, ficaram tudo “arrepiado”. Se perderam. Andaram três dias e três noites procurando o lugar, na beira do igarapé, onde tinham deixado a canoa. Até que, no terceiro dia, acharam. Pegaram a canoa e vieram embora. Chegaram em casa quase morrendo e nunca mais foram caçar.”

chegando outra variedade de caça que não frequentava mais aquela mata, se estão vindo novamente ali, para ter o registro do nosso trabalho de monitorar as matas da nossa terra.” OSMILDO DA SILVA CONCEIÇÃO. FASCÍCULO KUNTANAWA DO ALTO RIO TEJO, ALTO JURUÁ, ACRE, 2009, P. 10

“De onde tiramos nosso sustento? Toda área aqui a gente habita, e sempre tiramos daqui a nossa alimentação, desde roçados, áreas de caçadas, pescarias e extrativismo, até a água que a gente bebe e que nasce aqui mesmo nas cabeceiras do Tejo. Além das cabeceiras do rio Tejo, nossa área inclui o paranã Machadinho, os igarapés Camaleão e Boa Hora e seus afluentes menores. Tem ainda muito lagos, igapós e baixos alagados. Só vamos garantir essas águas se suas nascentes estiverem dentro de nossa terra, senão, alguém pode vir aqui contaminar a nossa as nascentes de nossa águas. Todo mundo sabe da erosão que acontece quando desmata a floresta das cabeceiras de um rio, de um paranã, de um igarapé, de um igapó ou de um lago.” JOSÉ FLÁVIO HARUXINÃ. FASCÍCULO KUTANAWA DO ALTO RIO TEJO, ALTO JURUÁ, ACRE, 2009, P. 10

Manejo da piaçaba

“Quando chega num local de colocação faz um a barraca simples e vai andar no mato, dois ou três dias para fazer exploração. Se não achar piaçaba em quantidade se procura outro local. Encontrando piaçaba a gente limpa o igarapé, faz uma barra melhor, definitiva e fica nessa colocação por 3 (três) meses até um ano. Se acabar a temporada e ainda tiver bastante piaçaba, se volta noutro ano. Uma vez explorada essa colocação consideramos nossa.

Tiramos um dia para abrir o caminho, o variante. Depois vai se abrindo as galhas, que são os caminhos secundários. Se a distância é longa pode levar até 4 dias para abrir caminho.

Tem piaçabal virgem e piaçabal já cortado que chamamos de mamaipoca.

O processo é destalar – bater, pentear bem – para espantar os bichos, como aranhas, lacraia, tucandeira, cobras.

Depois corta. Dois tipos de corte arrebite e corte normal.

Depois de cortar umas dez árvores junta tudo, enfarda e carrega para a colocação. A produção fica na base de 50 a 60 quilos por dia de trabalho de cada piaçabeiro.

Quando chega na colocação amarra e beneficia com tora, cabeça ou pacote. Depois de beneficiar tudinho põe no paiol. Casa um tem seu paiol., que é uma casinha onde se deposita a produção.” GRUPO 3 DA OFICINA DE MAPAS: PAULÃO, ÂNGELA E DILCÉLIO. FASCÍCULO PIAÇABEIROS DO RIO ACARÁ, BACELOS, AMAZONAS, 2007, P. 4



Proteção dos lagos e locais de pesca

“A gente trabalha aqui sobre união, união aqui pelo lago, em conservação do lago, em num deixar ninguém invadir nem destruir a floresta também, sobre o lixo também. A gente trabalha muito e eu adoro esse lugar. Assim a gente tem uma luta, assim de andar neste varador, na lama um tempo desse da seca, mas eu gosto desse lugar.” JOEL ALVES DA SILVA, MORADOR DA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DO CURURU NO LAGO CURURU. FASCÍCULO RIBEIRINHOS E AGRICULTORES DO LAGO DO CURURU – MANACAPURU – AMAZONAS, 2007



“A gente fomos no IBAMA, fomos na delegacia, fomos no promotor, num veio ninguém, só na época que era pra criar o acordo, nas reuniões vinha, aí no acordo era tudo bonito. Aí nós fizemos um acordo fora do acordo, um acordo assim que na portaria estava determinado uma coisa, nós fizemos um acordo assim da nossa cabeça, entendeu? Foi só entre as duas comunidades, foi entre a gente. Foi só assim, foi só combinado, a gente combinamos assim, ficar vigiando o lago a noite durante a noite, porque de dia é mais fácil da gente controlar, a gente sempre começa mês de setembro (...) aí já começa os trabalhos até janeiro, fevereiro, esse tempo que a gente num tá aí, eles estão entrando. (...) A pescaria deles não é pra alimentação, os que pescam pra alimentação dificilmente vem pra cá (...).” LÁZARO JAIR ALVES DA SILVA. FASCÍCULO RIBEIRINHOS E AGRICULTORES DO LAGO CURURU, MNACAPURU. AMAZONAS, 2008, P. 4

Manejo de palmas e palmeiras

Manejo do Tucumã

“Nossa luta, também é pela conservação do território. Não tiramos madeira, árvores da várzea. Apenas tiramos o suficiente para nos manter. No caso, do lado direito do rio de quem sobe, já não tem árvores nas várzeas. A gente vive da natureza, precisamos dela, assim como ela precisa da gente.” MARILDA, KARAPĀNA, FASCÍCULO ASSOCIAÇÃO INDÍGENA KARAPĀNA – ASSIKA, RIO CUIEIRAS BAIXO RIO NEGRO AMAZONAS

“O trabalho é o seguinte: a gente usa as palhas dos quintas pra fazer os produtos aqui da loja e as palhas da reserva pro pedido das encomendas, com o selo etiqueta.” IZABEL CARDOSO PINTO. FASCÍCULO GRUPO TUCUMARTE, ARTESANATO EM PALHA DE TUCUMÃ, SANTARÉM, 2007, P. 8

“As plantas da floresta também precisam ser plantadas nos quintais para que se armazene um estoque maior das maté-

TUCUMÃ

Astrocariumvulgare, é uma planta que ocorre em floresta de capoeira como em florestas maduras. A parte extraída de tucumã, a “guia”, é o broto foliar do tucumã que, ainda, não se abriu. Com o auxílio de um terçado (facão) ou foice, o olho é retirado da palmeira sem impactar outras partes da planta. FASCÍCULO GRUPO TUCUMARTE, ARTESANATO EM PALHA DE TUCUMÃ, SANTARÉM, 2007, P. 8

de suas atividades estão lutando para assegurar a conservação dos arumanzais e as formas tradicionais de uso comum. (...). O trabalho do coletor é muito importante pois sem coletor não podemos trabalhar. É um meio de preservar a natureza, manejar a natureza.” FASCÍCULO MULHERES DO ARUMÃ DO BAIXO RIO NEGRO, AMAZONAS, PGS. 9 – 11



Entre o trabalho da roça e o artesanato

“Eu amanheço o dia, vou embora pro meu roçado, trabalho na roça com agricultura mesmo, eu chego três horas da tarde... ei já vou pra minha cestinha tecer né? Tô aprendendo a trabalhar com a piaçaba agora, eu também já trabalho com sementes, fazendo colar, brincos. Eu trabalho a semente, jogando ela na lixadeira e bato lá tudinho, ai... já tirava de novo porque já ia pro sol, assim eu já tava trocando de novo as sementes... terminava de trabalhar as sementes começo a tecer (...).” VALDOMIRA CRUZ. FASCÍCULO MULHERES ARTESÃS INDÍGENAS E RIBEIRINHAS DE BARCELOS, AMAZONAS, 2007, P. 5

Extrativismo dos frutos e a coleta de plantas medicinais

“O povo sobrevive do extrativismo, do açaí, da pesca, da manga, da planta pra levar a Belém. É medicinal, leva pra lá pra vender, vai a babosa, arruda, catinga, pruma, aí fora outra bagulhada, que é em penca, orelha de macaco, outras plantinhas que dá o nome que basicamente é isso. Mas as plantas de valor são essas. E também a baba rosa é uma planta fina e não pode pegar sol, tem que ter muito cuidado com ela. Isso é o meio de sobrevivência disso.” LIEL, FASCÍCULO RIBEIRINHOS E RIBEIRINHAS DE ABAETETUBA E SUA DIVERSIDADE CULTURAL, PARÁ, 2009, P. 8

Produção de tinturas naturais

“As tinturas naturais são obtidas a partir das cores primárias fornecidas pelas plantas encontradas: 1) nos quintais – urucum (vermelho), mangarataia (amarelo) e crajirú (marrom); 2) na floresta – capiranga (violeta), jenipapo (preto azulado) e mata pasto (esverdeado).” RAIMUNDA IMBIRIBA. FASCÍCULO GRUPO TUCUMARTE, ARTESANATO EM PALHA DE TUCUMÃ, SANTARÉM, 2007, P. 8

A Ciência da Andiroba

“Vamos fazer a colheita

Junta-se a andiroba no cesto coloca-se numa panela grande ou outra vasilha com bastante água. Coloca-se no fogo até ficar molhe. Depois coloca para escorrer num canto durante um mês.

Quando chegar a hora você quebra todas as castanhas. Tira-se a massa numa bacia.

Quando estiver toda pronta você prepara um lugar com flandres ou telha de barro. O lugar ter que ser na sombra e que não tenha pessoas estranhas passando por perto porque ela tem uma ciência. Dizem que só pode mexer com ela é só a pessoa estar trabalhando, isso é, quando é tirada na mão.

Agora vamos fazer o pão massa. Já está tudo na bacia. Você começa a amassar até ela ficar ligada. Depois você prepara e coloca nos flandres ou na telha de barro. Embaixo você coloca a vasilha para passar o óleo.

Só que você tem que amassar duas vezes ao dia. Isso é de manhã e a tarde até a massa parar de escorrer o óleo. Isso dura quase um mês.

Boa sorte

Observação: eu sou fera com isso. Gostaria de ter minha cooperativa e poder ajudar a outras mulheres que também sabem fazer.

Assina

Elza Brabo"

PUBLICADO EM MARIN, R. E. A., 2010, P. 102²

2. MARIN, R. E. A. "A CIÊNCIA DA ANDIROBA": falas sobre técnicas por coletores e os avessos do uso econômico da biodiversidade. In ALMEIDA, A. W. B de. (Orgs)... et all. Caderno de debates Nova Cartografia Social: conhecimento tradicionais na Pan-Amazônia. UEA, 2010. Vol. 01, nº 01.

Territórios dos encantados

Os "marcos" do território pela encantaria

"Para mim território se constitui a partir dos elementos que estão nele, as pessoas que vivem nele, o que ele representa para tais pessoas e tais grupos, o que as pessoas veem nele. Exemplo simples é quando você chega a uma comunidade chamada ribeirinha ou se você vai a uma comunidade indígena, e você – o que hoje as pessoas denominam de mito – por exemplo, respeita tais horas e determinados pontos, especialmente em igarapés. E você respeitar e não ir a tal lugar ou você, em vê em uma árvore ou em determinado ambiente algo que as pessoas não conseguem ver, as pessoas que não são da cultura (...)"

JOÃO TAPAJÓS. ENCONTRO REGIONAL DO PROJETO MAPEAMENTO SOCIAL, SANTARÉM, 2012



Os lugares da cobra grande e os poções que nunca secam

“Ele é muito perigoso, quando o cara vai faxiã, assim umas 3 horas ela bóia, aqui tem uma cobra, uma cobra grande, uma buya. Aquela quando bóia assim dia de sexta-feira, ela bóia. Uma vez nós íamos atravessando, ela boiou, deu banzeiro fortão, quase que alaga a gente e rabeta. Aqui ele é fundo. Aqui nunca seca (...).” EDENILSON – BARÉ, COMUNIDADE DE MARABITANA(RIO NEGRO). FASCÍCULO ADOLESCENTES E JOVENS INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO. MANAUS, 2009, P. 8

“Isso aqui é uma ilha que fica em baixo lá da comunidade, ilha Pombo, é um lugar, ninguém nunca subiu lá. É um lugar sagrado e mito respeitoso., que não tem uma parte lá faz um poço grande que nunca seca, só faz encher. Quando enche, enche, só não sabe quando seca, não tem praia, não tem nada lá só fica esponja e, as vezes, fica lá aquele monte de folhas boiando. Agora de saber o que tem lá no fundo, ninguém mergulhou pra ver.” FILADELSON – BARÉ. COMUNIDADE DE NOVA VIDA (RIO NEGRO). FASCÍCULO ADOLESCENTES E JOVENS INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO. MANAUS, 2009, P. 8

O Poção

No encontro dos Rios Quianduba e Furo Grande e no baixo Tucumanduba ficam os chamados poções. Lugar de redemoinhos onde os barcos e canoas viram.

A casa da cobra grande

“É na ilha da Pacoca que a Cobra Grande mora. A ilha sempre muda de lugar quando a cobra meche. “Cuidado com a Cobra Grande que pode virar o barco”.” FASCÍCULO CRIANÇAS E ADOLESCENTES RIBEIRINHOS E QUILOMBOLAS DE ABAETETUBA. ABAETETUBA, 2008, PS.9 E 10



Plantas, cascas, chás e as práticas de curas



“Esses grandes cientistas que tem no mundo afora aí, vocês vê o jeito deles, eles forma pessoas aqui de botânica, coletando folhas, casco de pau sabe pra que? Pra levar pro laboratório, pra saber qual medicina que tem aqui dentro, pra inventar pílula (---) pra servir pra vocês ou não, (...) Quando eu sinto uma doença eu vou lá tiro uma casca, uma folha pra extrair algo dele. Conhecimento é isso. Então esse homem tem tudo aí. Têm a sua quantidade, suas raízes, não é algo que surge, é existente. Agora não adianta você ter conhecimento e não colocar ele em ação na sua comunidade, porque senão você pode ser um isolador de conhecimento. Eu tenho conhecimento(...) com o meu pai, com a minha mãe que me ensinaram pra eu poder trabalhar com isso, eu dou prova do meu conhecimento. (...) Você já pensou o cara chegar a minha idade, sem nunca ter tomado uma pílula. É o conhecimento, é o ensino.” OSMILDOKUNTANAWA. ENCONTRO REGIONAL DO PROJETO MAPEAMENTO SOCIAL, SANTARÉM, 2012

“Um dia na família minha esposa adoeceu de diarreia. Sempre usamos remédio caseiro. Quando cheguei meu netinho disse: vovó esta doente, nos pode curar. Tire casca de caju, tire folhinha de goiaba e a folha do açaí,

agora o senhor ferve tudo isso, depois deixa esfriar e coloque um pouquinho de mel. Com uma hora mais ou menos ela sentou-se lá e disse: “– Moço aquele chá!”, então foi o remédio que curou ela, foi o remédio, e todas as vezes que têm derrubadas, fica pisando em cima do remédio e a gente não valoriza, né? Como ele falou, porque ninguém conhece o poder [...] sabe que existe uma floresta, não sabe pra que serve. [...] E eu creio que todas as nossas aldeias vão ser capaz de ter uma farmacinha caseira pra servir a população e os demais que precisa.” HIPÓLITO SILVA. ENCONTRO REGIONAL DO PROJETO MAPEAMENTO SOCIAL... SANTARÉM, 2012

As práticas de pesca

A pesca e a proteção da reprodução dos peixes

“Os peixes eles se colocam pra sobreviver, pra criar os filhos deles. É embaixo de uma folha, é num pedaço de pau, é numa escora, seja lá onde for. Então esse tipo de pescaria que é feito por nós aqui, que é respeita o tempo do peixe. É quase assim é quase isso aqui, além disso, ainda é laçado aqui em baixo rapa tudo. Ai vem a orla, vem os filhinho, vem os pai, vem a mãe, vem tudo. E fica... E como que nós fica aqui?” CLÉO. OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL NA COMUNIDADE DE AMPARADOR. SANTARÉM, 2013



A pesca de curral: parceria no território das águas

“A gente chega com o colega e convida – vamos ver como funciona uma parceria no curral; vamos fazer um curral? E aí a gente vai tal dia que começa o trabalho e a gente vai; e depois tira as tala pro curral, quando eu tinha era tudo mais de tala de bambu né! Que tirava as talas e tecia, e cobria, lá na hora da despescagem do curral tava sempre com a gente aí despescava, com isso a gente passou uns quantos anos nessa coisa aí! E a gente pegava o peixe! E aí a gente tirava o boião da gente! A gente fazia venda, aquela venda que ia acumulando: no final da semana presta conta do que tem, aí o que não vendia repartia; e no começo da semana continuava a fazer assim! Até escangalhar! Da produção tirava uma parte pro alimento e outra parte pra venda. A parceria do curral dura o tempo do curral, depois pode fazer outro ou não.” SR. POLÍCIO. OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL NA COMUNIDADE DE MARACANÃ. MARACANÃ, 2011

Práticas de caminhar na mata

O mateiro

“O mateiro para mim é aquele cara que sabe fazer tudo, você chega lá, “vai com o Léo que ele é mateiro”, você sabe fazer fogo, sabe andar no mato, cortar de facão, tudo isso para mim é mateiro (...).” ALAÉRCIO MARAJÓ DOS REIS – LÉO, PUBLICADO EM NACAZONO, E.M., 2010, P. 65³

“... mateiro, é um nome que foi posto pelo conhecimento que a gente tem, é um todo. É você ir com a pessoa para o mato e saber que você volta. Porque aquela pessoa é responsável e tem conhecimento lá dentro (...).” FRANCISCO MARQUES BEZERRA – FLECHA PUBLICADO EM NACAZONO, E.M., 2010, P. 65

“Eu eu tenho até um mapa lá da nossa comunidade lá, onde eu fiz até os nascente de igarapé, porque ali quando eu era mais novo eu caçava por toda aquela área, e aí eu já sabia quantos igarapés tinham quantos braços, que o igarapé tem os braços, quantas

3. NACAZONO, E.M., 2010. O “mateiro” e a pesquisa científica. In ALMEIDA, A. W. B de. (Orgs)... et all. Caderno de debates Nova Cartografia Social: conhecimento tradicionais na Pan-Amazônia. UEA, 2010. Vol. 01, nº 01.



terras preta, o nome da terras preta, as entrada do igarapés, tudinho. Você sabe que hoje é muito difícil, mas ele tá lá, tá guardado, então isso é importante cada um de nós que mora por ali saber quantos igarapés tem, quando braços esse igarapé tem, as nascentes e também as terras pretas, isso é importante, a gente conhecer essa terras pretas e quanto braços tem dentro das terras pretas. Uma vez que a gente fizemos uma discussão de mapa que, estavam aqui as comunidades e eu perguntei pra ele, você diz que conhecesse a mata: “você conhece a mata?”, ele disse “conheço”, “então bora ver, quantos igarapés tem aqui dentro, quantos lados tem nesse de traz?”, “não sei”, “então você não conhece”, “e terra preta, você sabe onde terra preta tá?”, “não”, então você não conhece, a mata você tem que saber. Não tem uma árvore que não tenha que ter água, quando a gente tirava era maçaranduba. Eu com 10, 12 nos de idade, a gente já tinha o nosso paneirinho e a gente ia se embora. A gente ia pro mato e conhecia (...) a gente tinha, de passar semanas dentro da mata, pra gente fazer esse mapeamento, pra mostrar esses braços, tem braço que é tão conservado que não tem morador lá dentro do rio, mas é muito bonito lá, mas não tem ninguém que vai lá, mas que tá lá”. ANTONIO, OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL COM LIDERANÇAS INDÍGENAS NA SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS, SANTARÉM, ABRIL DE 2012

Os sentidos do desmatamento e a devastação

“Desmatamento é deixar a terra nua; vai a árvore pequena e grande. Não é só a venda da madeira. Temos as duas formas a exploração para a venda e a terra arrasada (...) no Açaizal, já é uma outra situação, esta tendo das duas forma que é o pra exploração que é pra vender e pra desmatar pra plantar soja (...)”. MARIA, OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL NA COMUNIDADE DE AMPARADOR. SANTARÉM, 2013

“(…) Nós indígenas, de acordo com a nossa cultura, tradicionalmente, já praticamos limites e respeito a nossa floresta e a nossa mãe-terra. não abusando de derrubadas para roçados, não fazendo perto das cabeceiras e igarapés, e implantando aceiros para proteger nossa natureza que respeitamos.

Além disso nós indígenas conhecemos nossos direitos que são assegurados pela legislação brasileira, o Estatuto do Índio, a Convenção 169 da OIT, que nos dão proteção ao nosso modo de vida, cultura, costumes e sobrevivência, independentemente de nossas terras serem demarcadas.

Viva nossa mãe-terra e nossa floresta que sabemos respeitar e preservar." TRECHO DA CARTA ASSINADA, ENDEREÇADA AO ICMBIO, ELABORADA PELO COMUNIDADE DE ANINGALZINHO EM AGOSTO DE 2010. - RIO ARAPIUNS, SANTARÉM - PA

"O entendimento que eu tenho, é quando tem um Plano, ele é um plano que a gente tem que fazer um manejo, um manejo florestal e tem uma área de amortecimento. E aí, como é que fica a nossa situação a respeito das terras? No tempo das nossas terras indígenas quando ela é demarcada, a gente pode usar dela, se a gente quiser tirar cipó a gente tira, se quiser tirar a palha a gente tira, se a gente quiser fazer um roçado a gente faz e é controlado também isso. E nessa Lei já vem colocando pra gente, já vem colocando outra parte, não que eu queira criar gado, mas tem um limite que a gente é colocado. Tem que respeitar um pouco a Lei. Eu fico me colocando assim, essa parte também que tu coloca dos direitos indígenas, a caça todo tempo ela é proibida de pegar, mas acaba que tem grande quantidade, mas pra nós com as nossa famílias a gente diz que não é proibido. (...)

Aldeia Aningalzinho, 02/08/2010.

Ilmo. Sr.
Maurício
Coordenador Resex Tapajóara - ICMBio

Nós indígenas Tupaiá da aldeia Aningalzinho (Rio Arapiuns) viemos, através deste, informar que não aceitamos a sua decisão de nos obrigar a lhe pedir autorização para feitura de roçados. Nós indígenas, de acordo com nossa cultura, tradicionalmente, já praticamos limites e respeito a nossa floresta e nossa mãe-terra, não abusando de derrubadas para roçados, não fazendo perto das cabeceiras e igapós, e implantando aceiros para proteger nossa natureza, que respeitamos, e que é nossa vida.

Além disso, nós indígenas conhecemos nossos direitos que são assegurados pela legislação brasileira, Estatuto do Índio, e Convenção 169 da OIT, que nos dão proteção aos nossos modos de vida, cultura, costumes e sobrevivência, independentemente de nossas terras terem sido demarcadas.

Viva nossa mãe-terra e nossa floresta que sabemos respeitar e preservar

Assinam _____



Ai uma serie de coisas que eles vem proibir a gente com esse Código florestal. Ai é uma área intocável, não é pra gente tocar mais nela e tem outras coisa também que eles vem colocando pra gente. Eu estive numa reunião que eles vinham colocando pra gente, uma vez eu estava numa discussão lá em Belém no seminário, e eles disseram assim: – ‘você são de uma reserva extrativistas, né?’, ‘exatamente’, ‘Graças à Deus’, eu disse ‘tu tá dizendo agora graças à Deus agora, mas daqui com um tempo vocês vão chorar’. Ela disse ‘por que?’, eu disse ‘(...) a Lei Federal vem dando seus projetos de casa própria, linhão, salário maternidade, mas daqui com uns meses todas as famílias vão ganhar o seu salário pra ninguém mais tocar nessa áreas’. ANTONIO, OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL COM LIDERANÇAS INDÍGENAS NA SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS, SANTARÉM, ABRIL DE 2012

“Vejo a discussão sobre a preservação da FLONA tem diferença da RESEX, como somos somente três áreas, tem uma diferença. Lá na Aldeia Taquara a gente trabalha como eles cultivavam a terra, como eles plantavam (refere-se aos seus antepassados)(...) o índio não vive só de peixe, da caça, da farinha. Um dia ele quer comer um animal que ele cria. O IBAMA reduziu a criação do animal, dizendo que vão acabar com a natureza. Ele não olha que o branco joga o gado para a nossa área, o cocô do animal que fica sobre a água na várzea. O IBAMA não atende o pedido da gente de retirar o gado de lá. O limite do roçado – pra fazer tarefa tem que ter licença. Pra nós o desmatamento não existe, nós sabemos como nós vamos preservar a nossa área (...) queremos que o IBAMA venha ajudar a preservar e que não venha trazer o madeireiro, sojeiro, que acaba tirando o nosso encantado, tirando a nossa terra. Nós não fizemos essa Lei, foram os homens lá. Eles têm que pensar na nossa vida, nas crianças, nos nossos netos (...).” JORGINALDO, OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL COM LIDERANÇAS INDÍGENAS NA SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS, SANTARÉM, ABRIL DE 2012

“Quem sempre viveu na cultura tradicional não é culpado pelo desmatamento. Quem desmata é o sojeiro, o madeireiro. Não é igual ao branco que fica explorando os recursos da natureza. As comunidades sempre viveram da floresta. Os mais novos não conhecem mais nada. Agora não se pode colocar as tarefas, os mais jovens não sabem, mas aprendem. Vai viver da bolsa verde? Isso é uma ajuda quando não tem a farinha na lata”. ZENILDA, OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL COM LIDERANÇAS INDÍGENAS NA SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS, SANTARÉM, ABRIL DE 2012

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA

COORDENAÇÃO GERAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Rosa Elizabeth Acevedo Marin
Equipe de pesquisa Baixo Amazonas
Solange Maria Gayoso da Costa (PPGSS/ICSA/UFPA –
Coordenação)
Judith Costa Vieira (ICS/UFOPA)
Marcos Vinicius Costa Lima (UNAMA/INCS)
Bruno Paracampo Mileo (ICS/UFOPA)
Adenilson Borari (graduando UFOPA)
Gleyce Kelly R. Miranda (graduanda FASS/UFPA)
Jefferson Costa Vieira (graduando UFOPA)

COORDENAÇÃO REGIONAL BAIXO AMAZONAS

Solange Maria Gayoso da Costa (PPGSS/ICSA/UFPA)
Judith Costa Vieira (ICS/UFOPA)

REVISÃO DESTA EDIÇÃO

Solange Gayoso (PPGSS/ICSA/UFPA)

ILUSTRAÇÕES

Giordano Bruno Gayoso da Costa Santos

CROQUIS E FOTOGRAFIAS

Acervo PNCSA. Croquis produzidos durante as oficinas de cartografias realizadas nos municípios de Abaetetuba (2008) e Santarém, (2010 e 2011).

DESIGN E PROJETO GRÁFICO

Casa 8

C122 Caderno Nova Cartografia Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. – N. 3 (jul. 2014) – Manaus: UEA Edições, 2014

il.; 30 cm.

Irregular.

Coordenação geral do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (CESTU/UEA/PPGCSPA) e Rosa Elizabeth Acevedo Marin (NAEA/UFPA/PPGCSPA).

ISSN 2359-0300

1. Conflitos sociais – Amazônia – Periódicos. 2. Comunidades tradicionais. 3. Desmatamento. 4. Territorialidade. 5. Cartografia. 6. Mapeamento social. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811)(05)

CADERNO NOVA CARTOGRAFIA 3

JULHO 2014

As práticas sociais dos povos e comunidades tradicionais da Amazônia traduzem as suas estratégias de preservação da floresta e todos os recursos naturais que dela fazem uso. Tais práticas, ensinadas desde a infância, tem garantido a floresta em pé e a abundâncias de recursos naturais.

PROJETO

Mapeamento Social



ISSN 2359-0300

PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



APOIO

